CONTRA AS VOZES DA PREGUIÇA E UMA FIDELIDADE MUITO IMPURA

Preservando os Restos

VERDADEIRO ABANDONO

"Se Deus nos desse líderes por sua mão", disse Pascal, "oh, como deveríamos obedecê-los de todo o coração! A necessidade e os acontecimentos são infalíveis a esse respeito."

Obedeça-os e também se oponha a eles quando se opuserem à vontade de Deus.

Penso em Santa Joana d'Arc, que não disse, após sua coroação: "A necessidade em que este rei negociante me coloca, de não mais lutar pela salvação da França, é a vontade de Deus, à qual me entrego."

Toda a sua conduta revela este pensamento: "Certamente é Deus quem permite; mas o que Deus quer, pelo menos enquanto me restar um exército, é que eu trave a boa guerra e a justiça cristã."

Mais tarde, ela foi queimada.

O rei passou vinte anos de diplomacia e barganha para libertar uma pátria amada por Deus, que poderia ter sido libertada em apenas alguns meses com a tomada de Paris e Rouen, o que foi fácil de fazer imediatamente após a coroação.

O rei passou vinte anos alimentando o início de uma política tortuosa entre seu povo, enquanto Santa Joana d'Arc fazia brilhar, diante dos olhos de todos, as luzes de uma política evangélica.

O rei se aproveitou de Joana d'Arc, se aproveitou da mensageira de Deus, cuja autoridade e prestígio ele deveria ter restaurado, mas lançou um véu sobre o pensamento cristão de Joana.

Os soldados de Joana lutaram por uma política cristã, e aparentemente era o maquiavelismo latente que se beneficiaria de suas batalhas e sacrifícios.

Nesse ponto, todos os falsos devotos nos dizem: "Ela mandou coroar o rei; o rei estava desviando o significado da coroação; que importa?

O rei era legítimo. Joana d'Arc não havia tido sucesso com suas políticas cristãs. Tudo o que restava era o abandono. Abandono. Abandono. Não! Restava seguir os passos de Santa Joana d'Arc, entregando-se à graça de Deus.

Confiar-se à graça de Deus não é não fazer nada. É fazer, permanecendo no amor, tudo o que está ao nosso alcance.

O que se opõe ao abandono cristão não é desejar a vitória em uma guerra justa, mas, em última análise, ceder à tentação de usar meios impuros para a vitória de uma guerra justa.

O que se opõe ao abandono cristão não é desejar a deposição de líderes maquiavélicos e a chegada de líderes dignos desse nome, mas permitir que o ódio se misture a esse desejo, é fechar os olhos para a escolha dos meios.

O que se opõe ao abandono cristão não é desprezar a servilidade dos clérigos aos poderes da iniquidade, mas odiar os clérigos, não se lembrar de que a Igreja é santa, esquecer que devemos nos converter.

A quem não meditou sobre as justas revoltas da História, sobre a Guerra dos Macabeus, sobre as cavalgadas de Joana d'Arc, sobre a expedição de Dom João da Áustria, sobre a rebelião de Budapeste, a quem não simpatizou com os nobres insurgentes da história — além dos aproveitadores e provocadores —, nego-lhe o direito de me falar de abandono cristão.

Ele não sabe do que fala. Que continue suas meditações em banho-maria, que viva sua vida edificante ao ar livre e comendo em uma boa mesa, que se delicie com as obras de piedade, mas que não tenha a ousadia de me falar de abandono cristão, pois não sabe do que fala.

Aquele que compreendeu que não há fidelidade a Deus a menos que se oponha uma negação inflexível aos antioquianos ou aos Bedfords, aos Selims e aos Kruchtchevs, que verdadeiramente compreendeu que a fidelidade ao Senhor, à sua Lei, à sua Igreja, à ordem social natural exige absolutamente algumas negações — ele, somente ele, é capaz de falar de abandono à vontade divina.

Só ele, de fato, é capaz de colocar o abandono em seu verdadeiro lugar: não na resignação e na preguiça, mas no centro da ação e do empreendimento.

Eu digo que o abandono está no centro da ação e do empreendimento, mesmo quando o abandono leva à aceitação da morte, como Santa Joana na fogueira de Rouen e São Luís no leito de cinzas em Túnis; mesmo assim, não é resignação; não o é mais do que nunca.

É adesão, na noite, a uma vontade divina, pela qual se prefere sofrer a morte a consentir na rejeição.

O abandono consiste em querer a vontade divina, a intenção divina, no que diz respeito ao nosso próprio destino, à vida da Igreja, à vida das instituições, à salvação da pátria, em querer essa vontade com tal pureza e simplicidade que só se aplicam meios puros para realizá-la e servi-la.

Os meios ativos são usados até a exaustão e com pureza. Quando os meios ativos se esgotam, longe de rejeitar a intenção divina na derrota, persevera-se na crença em sua vitória.

"Deus não morre", murmura García Moreno pacificamente quando, atingido mortalmente pela bala do maçom, vê afundar-se toda a esperança de um governo cristão no Equador num futuro próximo.

Deus faz com que todas as coisas cooperem para o bem daqueles a quem ama. Ele os une a Ele através de todas as rupturas. Ele os faz compreender que, através do seu sacrifício, não só estão unidos a Ele, mas permitem que a santidade viva para sempre na Santa Igreja e que a justiça nunca abandone a terra.

O abandono não consiste em dizer: "Deus não quer a cruzada; deixemos que os mouros a façam"; essa é a voz da preguiça.

O abandono não consiste em dizer: "Deus a quer e é preciso vencer per *fas et nefas* (pelo que é lícito e pelo que é ilícito)"; é a voz de uma fidelidade muito impura.

O abandono consiste em dizer: "Deus a quer; ajamos, contando com Deus, desconfiando dos nossos próprios corações, unindo tão vigilantemente a oração e os meios puros, para que a vitória não nos exalte e a derrota nunca nos faça duvidar da vitória das causas justas, por mais oculta que seja essa vitória."

“A história do mundo”, disse um jesuíta do século XVIII, “é apenas a história da luta que, desde o início, os poderes do mundo e do inferno travam contra as almas humildemente sacrificadas à ação divina. Nessa luta, todas as vantagens parecem estar do lado do orgulho, e, no entanto, é a humildade que sempre sai vitoriosa...

Assim, tudo o que se opõe à ordem de Deus serve apenas para torná-la mais adorável.

Todos os servos da iniquidade são escravos da justiça, e a ação divina constrói a Jerusalém celeste a partir das ruínas da Babilônia.”

-o-

Frei Roger-Thomas Calmel

Fonte: Revista Itinéraire